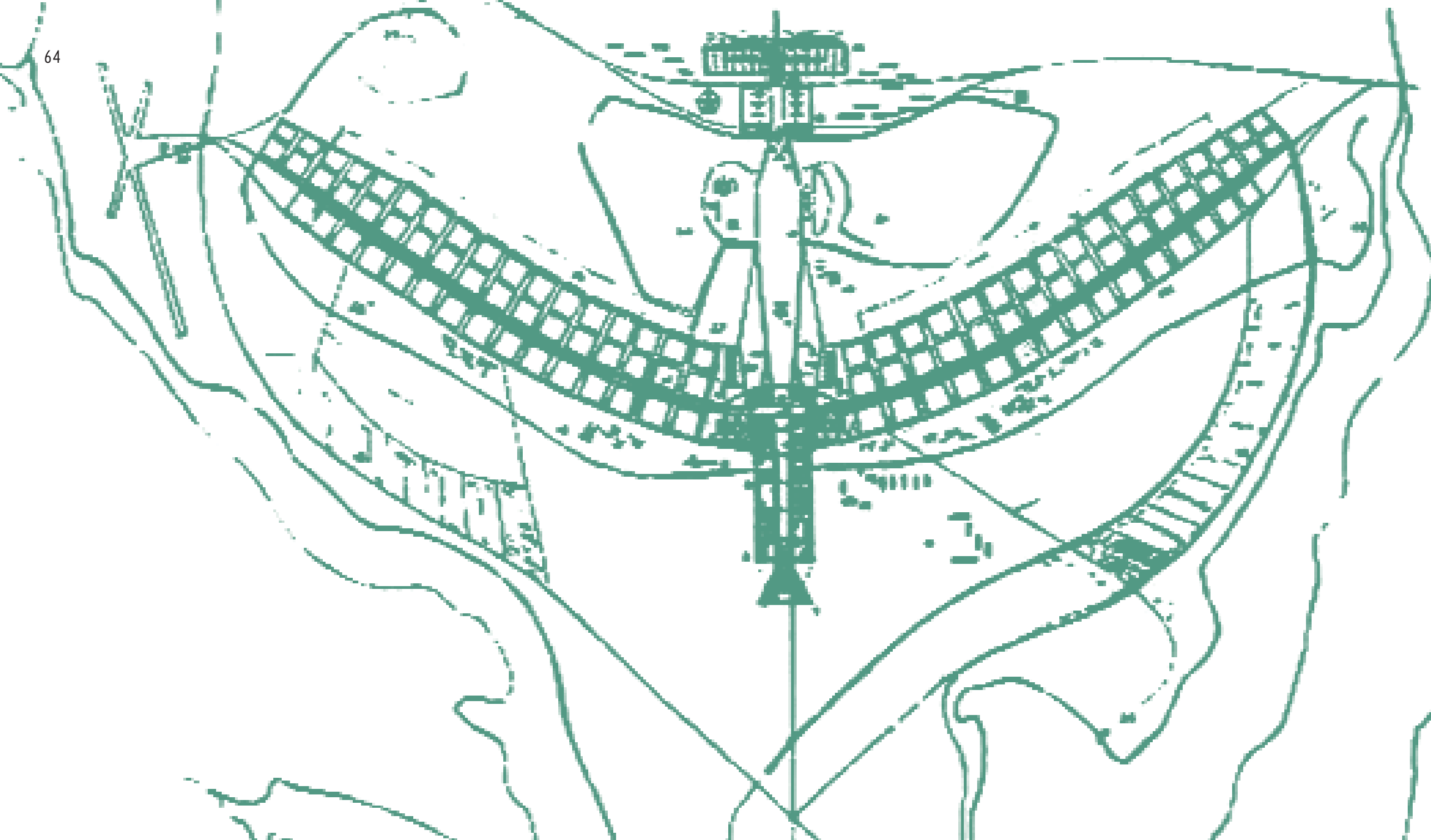


GRUPO INTERAGIR



Brasília é a Terra, Ceilândia é assim, menos que a Lua

Primero o arquiteto pensou a forma. Sobre a forma pensou a cidade. Sobre a cidade pensou os homens que habitariam a cidade.

E que inteira fosse bela. Belamente monumental. Belamente longa. Belamente cimento armado. Belamente triângulos e curvas.

Maiores que as medidas dos braços, que as medidas dos passos, cada porta, cada arco, cada rampa, feita milimetricamente, no papel, não para os homens, mas para que a humanidade coubesse inteira, aqui, neste planalto.

— *Eu vi uma vez no Guinness, ou numa figurinha de chiclete, sei lá... o eixo monumental é a maior pista do mundo em largura: cabem 61 fuscas de uma pista a outra, assim, na largura. A praça dos Três Poderes é uma das maiores do mundo. Tem a Praça Vermelha, também, quase grande igual, eu acho. Aqui você não consegue fazer concentração de pessoas, não consegue. Você não tem multidão. Na praça dos Três Poderes, mesmo com 120 mil pessoas, você vai lá e encontra espaços vazios o quanto você quiser. Você não consegue concentrar gente aqui, por mais gente que tenha.*

Avenidas monumentais. Mateus, 22 anos, formado em Ciência da Computação, enquanto dirige seu carro, nos explica que cidade é esta.

A foice se equilibra no martelo e lá, dentro da foice, cabe inteirinho o presidente Juscelino, feito estátua, a acenar pra nós. Talvez não seja uma foice, mas uma lua de quarto, bambeando num pau dormente, num mármore que se estende, comprido, como o horizonte no cerrado.

O Memorial JK aparece inteiro numa curva dos óculos “Matrix” de Mateus. Cabelos lisos, castanhos-claros, até os ombros, piercing na língua, (só nas palavras carregadas de letras “a” ou letras “ó” o piercing fica visível no seu brilho).

— *E aqui é o centro da cidade, se é que essa cidade tem um centro, mas aqui é o corpo do avião, digamos assim, e a cabeça do avião fica lá, é claro, onde é dirigido o Brasil. Para o lado direito é a Asa Sul e para a esquerda a Asa Norte, que são as duas asas do avião.*

No banco de trás, Erika, 22 anos, formada em Engenharia Florestal, pensa a cidade que é Brasília. Mateus olha pra ela pelo espelho retrovisor.

— *Brasília não tem praça. As pessoas não se juntam em praça. Não tem a história das outras cidades, que têm uma igreja, têm um lugar e as pessoas sentam nos banquinhos e conversam. Aqui não tem e aí você tem uma praça enorme, como a praça dos Três Poderes, que não é convidativa, não tem ninguém, só pombos.*



Antes do passeio monumental. Noite passada. Luzes na pista e na cidade. Uma grande reta, algumas curvas. Uma turbina de avião, pela janela. Duas asas sobre o chão. O corpo de um avião, visto assim, do corpo de outro avião.

De avião para avião, nos olhamos. Assim é que enxergamos a cidade. Assim é que chegamos a Brasília.

Manhã, alguma chuva. Os meninos de Brasília vão chegando. Lilian vem de bicicleta, Marcelo vem com os cabelos molhados, Henrique, Clóvis, Mateus, Erika, Carlinha, Luísa, Carol, já estavam lá, na casa de Renata, quando chegamos. Mohana e Pablo chegaram depois.

— *É um grupo constituído de um grupo social específico, de uma classe social favorecida, todo mundo está aí na Universidade ou em vias de entrar na faculdade. A gente sabe da diferença que a gente tem com relação a grande parcela da juventude brasileira – diz Clóvis. – Mas a gente está aqui sim, a gente quer. É um grande desafio. A gente é cutucado. E a resposta que a gente dá é: queremos ser ponte, e não representantes.*

Varanda da casa de Renata. Asa Norte, setor residencial. Doze jovens em volta de uma grande mesa nos contam o que é, quais os objetivos do grupo Interagir.

Clóvis, 24 anos, bacharel em Direito e estudante de Ciência Política, é quem começa a conversa:

— *Então, começou de uma inquietação. Quando vi na TV um negócio sobre o Centro de Voluntários do Distrito Federal, em 1999, eu pensei: “quero fazer alguma coisa como voluntário”. Então eu cheguei, fui bem acolhido e comecei a trabalhar na equipe*



do Centro. Lá eu vi que tinha gente fazendo coisas legais com os jovens. Aí eu pensei em fazer um projeto com os jovens dentro do Centro de Voluntários, juntei uma galera e assim começou o Interagir.

Começou com um site, a proposta era fazer um portal na Internet com a idéia de divulgar informações para os jovens que quisessem fazer alguma coisa pela sua comunidade. A gente começou a fazer o site, só que a gente percebeu que queria fazer outras coisas também, não ficar só na Internet, e aí a gente começou a pensar em ações que podiam ser desenvolvidas dentro do Distrito Federal. A gente queria fazer coisas mais na linha de desenvolvimento, não na linha assistencial. Aí percebemos duas coisas: tem um monte de gente querendo fazer trabalho na comunidade e não sabe como começar, então a gente precisa gerar informação, então vamos continuar com nosso site. E tem um monte de pessoas que já fazem trabalhos na comunidade e não se conhecem, então vamos começar a estimular encontros entre essas pessoas. E foi aí que a gente teve a idéia, no final de 2000, de fazer um fórum, que em 2001 foi chamado de Fórum de Jovens Voluntários.

“Acho que todo mundo, fora o conteúdo mesmo, mas todo mundo sacava a interação do grupo mesmo, a integração de todo mundo, de ser muito brother mesmo, cara, a gente se emocionava muito depois desses encontros.” (Lilian, 20 anos, estudante de Antropologia)

(Mateus) — *No final do terceiro fórum, sabe? Você ter 34 pessoas se abraçando, chorando, ainda que estivesse todo mundo desgastado, estressado, querendo sair do grupo. Você sabe que está todo mundo ali com o sangue e a lágrima, sabe? Você vê pessoas que passaram 12 meses ralando, brigando, como eu briguei muitas vezes com o Henrique, muitas vezes com o Clóvis, outras vezes com a Erika e com a Mariana, mas no final todo mundo deitado no chão, falando um pro outro: “eu te amo”.*

“Existe um marco, a vida antes do Interagir e a vida depois do Interagir. Então é um marco, cara, a sua vida muda, você vê um monte de coisas. O Marcelo falou assim: ‘pô, eu sou engenheiro’; pô, eu também sou engenheiro, e daí, cara? Eu sei que antes de estar com o Interagir era uma coisa, depois de estar com o Interagir é outra coisa completamente diferente. Quando você passa a fazer parte do Interagir você começa a perceber a possibilidade que você tem de fazer uma coisa mais, sabe? De você

sair ali do seu quarto, ver que você pode sair daquilo ali e esse é o problema, porque quando você vê que pode sair daquilo ali, você não consegue mais voltar, bicho. E aí você se lasca. Se lasca muito no bom sentido, sabe? Tipo assim, agora eu descobri o mundo.” (Pablo, 24 anos, engenheiro)

“Porque geralmente está todo mundo tentando proteger a gente, sabe? Tipo: ‘ah... jovem..., não sei o quê...’, mas eu não preciso ficar esperando ninguém fazer as coisas por mim. Eu não preciso ficar só reclamando do governo, sabe? Se você tem certeza do que você quer, então tudo é possível.” (Marcelo, 25 anos, engenheiro)

“Você é responsável até por não escolher algumas coisas, por ser omissivo. Você é responsável por ser omissivo. Para mim o melhor momento sempre é quando vejo uma pessoa dizer: ‘eu posso’. Quando entrei no Interagir, eu comecei a ver: nossa, eu posso fazer coisas, minha vida não precisa ser sempre esse caminho que eu vou seguir reto e



Luísa, Clóvis, Carla e Carol



Henrique, 22 anos

pronto, vai ser sempre assim. Não, se eu quiser mudar minha vida, eu posso. Para mim, a melhor coisa que o Interagir me deu foi isso: sou responsável pela minha vida.” (Henrique, 22 anos, estudante de Psicologia)

(Clóvis) — A gente trabalha com jovens porque a gente acredita no jovem hoje, não porque a gente acredita que o jovem tem um potencial para o futuro. Então é nessa linha, nesse querer transformar um espaço onde tem uma desigualdade social que atinge a cada um de nós. Será que cada um de nós serve para alguma coisa, se a gente consegue conviver com tanta desigualdade assim? Acreditando que a gente serve, acreditando que a gente quer mudar essa realidade, é que a gente tenta gerar essas soluções. E essas soluções estão muito no nível de gerar uma expressão, que a gente aprendeu no decorrer dessa estrada, que é o capital social, que são essas relações de confiança, que é esse estímulo de democracia, esse estímulo de vários sentimentos, propostas de vida mesmo, para as pessoas. A gente tenta criar esses espaços, esses encontros, essas possibilidades, essas oficinas e vários projetos que a gente faz, justamente para permitir um olhar no horizonte, que o jovem possa descobrir seu caminho, seja ele qual for.

(Henrique) — Tem um cara no sinal do sudoeste que é o seu Zé, que é um velhinho, todo gente boa. Todo mundo que passa: “ô seu Zé”, e ele “ô”... Ele simplesmente só pede dinheiro, aí um dia ele estava distribuindo panfleto. “Pô”, ele me disse, “o carinha não estava conseguindo distribuir tudo, resolvi ajudar.” Sabe? O velhinho não tem nada, mas é solidário com os outros. E minha vida hoje é eu saber que minha vida não se resume só ao meu cotidiano, à minha família, minha vida é o que eu vejo. Não tem como minha vida não estar no país onde moro, não estar com as pessoas com as quais eu convivo. Existem pessoas que cuidam de mim, pessoas que eu posso cuidar e eu faço parte disso. Tudo isso é uma coisa só, não tem como separar. Não tem como eu olhar para o lado e falar: “poxa, o seu Zé ali está triste e eu vou ficar de boa”. Não tem como. Eu sei que agora, ele também, faz parte da minha vida.

(Clóvis) — A gente está fazendo alguma coisa, mas que coisa é essa? Ela se consolida em algumas ações que existiram, tem projetos, tem fórum, tem oficina, tem articulação de políticas públicas, isso e aquilo outro, mas acho que a pergunta que ainda está por ser respondida é: o que a gente faz e pra quê? Que “pra quê” é esse, sabe? Tudo bem é um hoje, é um encontrar, são ações pequenas, são simples, são também a nossa vida, mas qual a relevância do Interagir para o mundo? Qual é o impacto que geram essas ações para esse planeta, já que a gente diz que quer mudar o mundo, que quer isso e aquilo...

“Acho que a gente não tem ambição, como outras organizações. Por exemplo, no meu caso, a juventude do partido político tem essa ambição de ficar representando tudo. Tem a ambição de tentar englobar tudo, de tentar engolir tudo. Acho que a gente não tem essa ambição, não se angustia por não ter essa representatividade enorme. E é muito isso, a gente tenta facilitar, a nossa missão é articular e promover outras iniciativas que não necessariamente do nosso grupo.” (Renata, 20 anos, estudante de Sociologia)

(Erika) — A gente nunca conseguiu, em nenhum momento a gente conseguiu parar pra pensar o que a gente quer, qual é o nosso planejamento, a gente não conseguiu até agora definir o que vai ser nos próximos meses, no próximo ano. Essa é uma necessidade que já está há algum tempo e é o nosso desafio agora.

(Clóvis) — Eu acho que a pergunta que ainda está para ser respondida é: e o quê mais? Fora dessa sala aqui, fora dessa varanda. Houve um momento de luz, um momento de inspiração para a construção da proposta conceitual do Terceiro Fórum, quando se fala de um encontro de pessoas, quando se fala de olhar para aquilo como geração de capital social, quando se fala em proporcionar espaços. Eu acho que desde manhã a gente está percebendo isso, na fala de cada um, o quanto é importante esse espaço aqui para a formação de cada um. Mas esse espaço gera reflexo fora daqui?

Acabaram as avenidas monumentais, estamos na estrada, indo com Mateus e Erika para Ceilândia, uma das cidades-satélite de Brasília. Lá vamos encontrar o pessoal do grupo Atitude, com quem os jovens do Interagir já fizeram algumas parcerias.

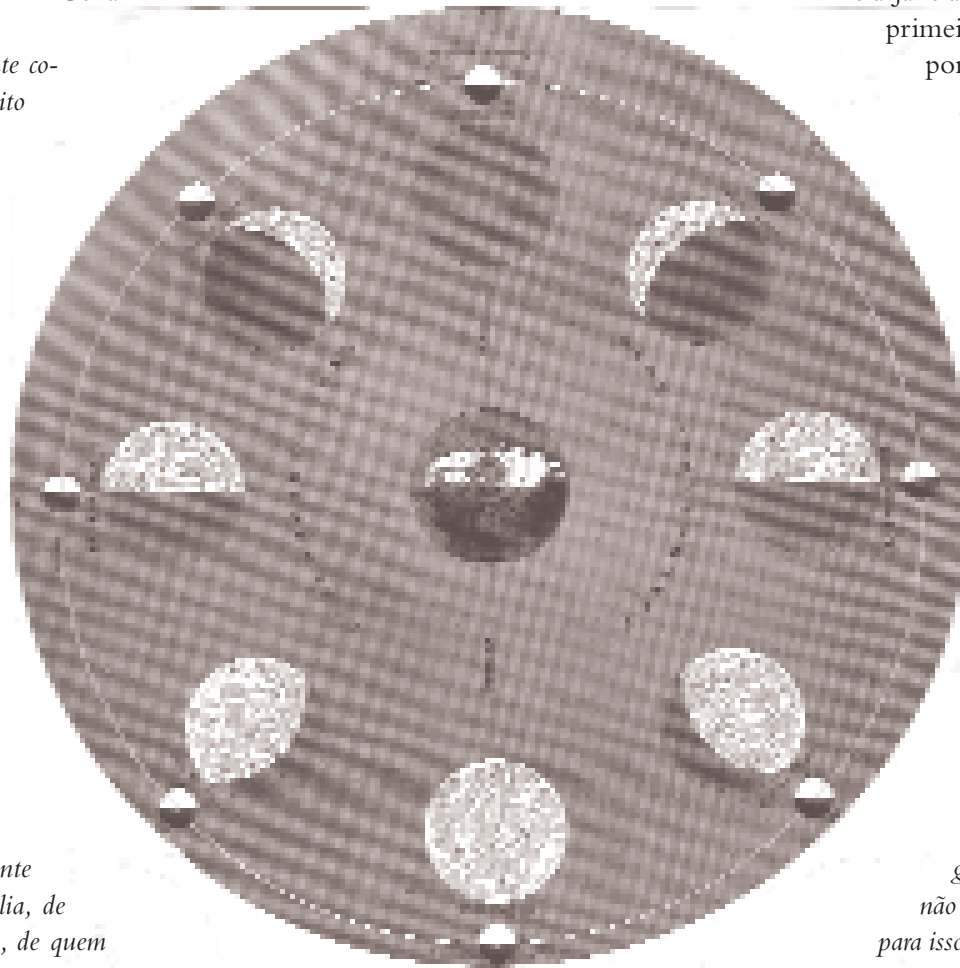
Longa estrada de outdoors, “Empréstimo para aposentados”, “Vestibular Gratuito, faça Geografia, sem gastar rios de dinheiro”, até começarem os quarteirões planejados de Ceilândia.



Brasília é a Terra. Ceilândia é assim, menos que a Lua. Se a Terra tivesse em torno dela umas dez luas, aí sim, Ceilândia seria uma delas.

De qualquer forma, Ceilândia gira em torno de Brasília. Brasília gira em torno de si mesma. Ceilândia vive de olho em Brasília. Brasília esquece de olhar para Ceilândia. Brasília tem uma certa atmosfera, onde se esbanja oxigênio. Em Ceilândia, às vezes, falta o ar.

— O Interagir foi um grupo que a gente conheceu há alguns anos atrás; foi muito importante para a gente, porque sempre existiu uma barreira muito grande entre Ceilândia, cidade-satélite e Brasília, não é só a distância geográfica. Os valores e a concepção de mundo que a gente tem são muito diferentes. A maioria das pessoas da nossa realidade come uma vez por dia, as pessoas não têm roupas novas, a saúde é inadequada, a escola é inadequada, aqui não tem nenhum teatro, nenhum lazer, não tem nada. Isso gera uma angústia e uma frustração de que, pô!... a gente não está existindo! Antes de conhecer o pessoal do Interagir, a gente não conhecia pessoas que moravam em Brasília e tinha um preconceito muito grande do playboy. Dá uma raiva, assim, de gente que a gente nem conhece, só porque mora em Brasília, de quem tem um monte de coisa garantida, de quem



tem um futuro e a gente está no caos. A gente é privado de vários serviços públicos e ainda tem uma política de segurança inadequada, a polícia chega aqui e em vez de proteger, mete a porrada na gente.

Na parede, um mapa com os bairros da Ceilândia, um pôster e a lembrança de um rap: Apocalipse 16.

Pela janela, um largo, com casas comerciais. No primeiro andar, protegido por uma grade na porta, fica o escritório do Atitude, um grupo de jovens moradores da Ceilândia que trabalham com políticas públicas. Quem fala é Sérgio, 26 anos, estudante de Ciência da Educação, nascido e criado na Ceilândia, fã do hip-hop e um dos diretores do grupo:

— Quando comecei no Grupo Atitude, eu era peão de obra e trabalhava de bico de ajudante de mecânico, pra minha família isso tem muito mais valor, né? Eu estou num trabalho, tem grana, é coisa de homem. Agora o que a gente está fazendo aqui é investimento a médio e longo prazo, de pessoas que querem contribuir com a nossa sociedade. Isso é coisa de homem? Tá ganhando grana? Não? Então não vale de nada. De um modo geral, para a nossa comunidade aqui isso não tem valor. A gente está buscando um valor para isso, agregar um valor para a comunidade. Para

as meninas daqui, por exemplo, quem não tem grana ou não está engajado no tráfico não tem valor nenhum. Raramente uma menina vê valor num cara que trabalha para mudar a cidade, deixar a cidade melhor. Nossa história é marcada por a gente cruzar a Ceilândia a pé. A gente andava de dez a 15 quilômetros para fazer o trabalho. A proporção seria de cruzar uma W3 a outra W3. Asa Sul para Asa Norte. E as pessoas não acreditavam que a gente chegava lá a pé e não ganhava nada. A gente ia nas escolas de ensino médio falar sobre DST/Aids, então a gente conseguiu, através das escolas, falar com um público muito grande de jovens, pelo menos quase todos os jovens aqui da Ceilândia conhecem a gente. Hoje a gente tem um problema muito grande com a questão do tráfico. Por exemplo, 20 jovens, há um ano e meio, foram presos movimentando 100 mil reais por semana, no tráfico de drogas nas comunidades. Isso faz com que a mentalidade, o imaginário do jovem dessa comunidade seja muito mexido. O tráfico tem seduzido muito esses jovens. Então, assim, é um desafio para a gente conseguir trabalhar com esses jovens. Então o que é que a gente diz pra eles? Que existe outra saída, existe outra escolha e a escolha que a gente está mostrando pra eles é: existe a arte.

Ruas de Ceilândia. Casas, oficinas, muros. Alguém passou e deu um pixo nas paredes. Grandes quadras. Quanto à arquitetura, o mesmo gosto estético que se vê na paisagem da periferia de São Paulo, da periferia de Salvador, de Recife, enfim, de qualquer outra grande cidade brasileira. Aqui, Sérgio é o anfitrião e nos mostra Ceilândia, enquanto conta a história do seu encontro com Mateus e com o Grupo Interagir.

“Aí a gente olhou para o Mateus e falou: ‘Ih! Que playboy!’”. Garoto branco, cabelo liso, ele carregava o estereótipo da imagem dele, da forma de falar, assim, um garoto que tem tudo e tudo o mais. Aí se eu começo a andar com o Mateus, nesse estereótipo do menino de classe média, o pessoal aqui vai dizer: ‘Tá se misturando com bodinho, né? Tá andando com playboy’, de repente os caras até se afastam de mim. E eu acho que é isso que a gente tem que começar a mudar: essa mentalidade daqui, porque isso não ajuda em nada, só atrasa a gente pra caramba. A gente tem que começar a repensar esses valores. É um estereótipo, assim, que faz com que a gente perca muita coisa e caia nessa coisa fácil e rasa de dizer que a pessoa é de um jeito ou de outro, sem nem conhecer. Aí quando a gente começou a se relacionar mais com as

pessoas do Interagir, a gente percebeu que eles tinham outras necessidades, não as básicas. Eles tinham comida, tinham roupas novas, tinham carro, mas não estavam completamente satisfeitos com a vida, continuavam a ter outras necessidades e a gente tinha que respeitar isso. A gente viu que eles tinham essa percepção de trabalho de cunho social, tinham uma visão de mundo bacana e a gente conseguia ter um diálogo e a gente conseguia, sei lá, diminuir essas barreiras. E foi muito importante pra gente chegar próximo dessas pessoas, que para a gente estavam envoltas nesse clima de uma cidade como Brasília, que para a gente tem muitos mitos, muitas fantasias, mesmo, sabe? Quando eles fizeram o primeiro Fórum a gente participou, achou interessante, conseguiu ter contato com muita gente. A gente conseguiu um amadurecimento no nosso grupo, não só nessa questão de ter o primeiro contato e diminuir os preconceitos que a gente tinha, mas também de conseguir fazer alguns trabalhos junto com o pessoal do Interagir, de estar mais próximo. Eu acho que foi um aprendizado muito grande, uma parceria muito valiosa. A postura que eles têm, a forma de lidar com as questões que eles têm trabalhado é uma referência para a gente. E outra coisa também: eles estiveram com a gente dando idéias, ajudando de alguma forma o nosso trabalho para construir uma política pública de lazer e de cultura, de pensar questões sobre saúde; enfim, é uma contribuição pra gente muito valiosa.

(Mateus) — Esse contato do Interagir com o Atitude não é só um contato institucional, acho que ele é muito mais pessoal, sabe? Eu lembro um dia, foi fantástico, a gente sentou no chinês que tem ali e esses caras, são muito piadistas, cara, muito engraçados, e os caras contam umas coisas, só que são as coisas embaçadas, as coisas tristes, sacou? Dos pais reclamando, dos caras matando, sabe? São as coisas reais, mas os caras contam de uma forma que você não consegue fazer outra coisa senão rir. E eu fico vendo que isso é muito... assim... o pé no chão que eu tenho no Interagir e a cabeça nas outras coisas que estão lá é de um tipo, quando eu encontro o pessoal do Atitude é outro tipo. Então, acho que o Interagir me dá muito o pé no chão, também me dá a capacidade de sonhar, mas o contato com o Atitude me dá muito um outro olhar que não tem como eu ter esse olhar em Brasília. Aquilo é uma ilha, um cercadinho mesmo. Então tenho o pé no chão, a cabeça nas nuvens lá, mas aqui eu tenho um olho também, que é um olho muito importante, você precisa conhecer a realidade que está aqui a dez, 15 quilômetros da sua casa. E nem sempre é possível, é bem complicado, mas eu acho que

é muito bom nesse sentido de eu poder ter essa possibilidade de ter esse olhar. E você vê que são pessoas articuladas, pessoas inteligentes, são pessoas que tem uma plena potencialidade. O Sérgio dá um show ali, sacou? O Sérgio consegue te falar em cinco minutos o que eles fazem na prática, o que eles estão mudando aqui, o que para a gente do Interagir, às vezes, é muito mais complicado. E eu acho que a gente tem coisas muito parecidas, cara, que é o lance da postura, de se colocar no mundo. Quando a gente fala de valores, quando eles falam dessa necessidade de ter o lance da identidade e das necessidades, é só um tipo de necessidade. As necessidades que se tem de ter um cinema, de ter um teatro aqui, talvez sejam as mesmas necessidades que a gente tem lá de, tendo o teatro, frequentá-lo, saber o que fazer com o teatro. Então é só o tipo de coisa que muda, mas a afirmação da identidade, a possibilidade da pessoa ter uma percepção mais afiada do mundo, pô, acho que essa linha é muito parecida.

(Sérgio) — Pois é, igual, assim, a gente fala que é muito legal isso, porque quando a gente vê o jovem que está aqui em estado de alienação, de não perceber a realidade, a gente tem que enxergar de um plano muito parecido, sabe? De ver como um modo de consumo, mesmo que ele não possa consumir nada. Está tudo interligado, porque o que eu passo aqui, em Ceilândia, tem influência lá, em Brasília, e o que eles fazem lá tem influência aqui. Aí, toda vez, olha só que coisa triste, quando acontece um problema sério em Brasília, de alguém ser morto, ou espancamento de alguém, aqui tem um toque de recolher imposto pela polícia. É um toque de recolher que não é dito, porque é inconstitucional, mas você vê os caras da polícia, a partir das dez horas da noite, começar a passar em comboio, com a sirene ligada. Você acha que fica alguém na rua? Quem é doido de ficar na rua? Assim, eu falo assim, se acontece alguma coisa grave lá, o reflexo aqui é imediato, entende? A gente está ligado. Brasília e Ceilândia. Ceilândia e Brasília.

Estamos de novo na estrada, de volta para Brasília, onde Mateus nos mostrará a Praça dos Três Poderes, o Memorial JK, o Palácio da Alvorada, a Esplanada dos Ministérios, toda a arquitetura. Naquele ponto exato e monumental, onde essa história começou.



Origens e Propostas

O Grupo Interagir foi criado em 2000, em Brasília, e o seu principal objetivo é fomentar e articular o protagonismo juvenil.

O Interagir nasceu com a inquietação de um jovem, Clóvis, que desde a sua formação no Movimento Escoteiro sentia que precisava realizar mais por sua comunidade. A partir daí vieram os outros jovens, vários deles com alguma experiência em trabalhos sociais (escotismo, movimento estudantil, movimento religioso).

Em maio de 2000 o Interagir criou o Portal do Protagonismo Juvenil, www.protagonismojuvenil.org.br, que ganhou o prêmio “Jovens Voluntários” e que é referência no que diz respeito ao protagonismo juvenil no Brasil.

O Interagir já realizou quatro Fóruns de Protagonismo Juvenil em Brasília, buscando a mobilização e a integração das juventudes. O principal objetivo é divulgar o conceito de protagonismo juvenil, discutindo problemas sociais, incentivando os jovens a utilizarem melhor seu potencial transformador e promovendo a interação entre eles.

Para o Interagir, o protagonismo juvenil sustenta-se em três pilares: Iniciativa, Liberdade e Compromisso. Para o grupo, a pessoa protagonista é aquela que busca liberdade para escolher a área de interesse e a forma de ação e de intervenção, tem iniciativa para a realização de suas escolhas e estabelece compromisso com os resultados e com a avaliação dos impactos gerados ou obtidos. O protagonista, com isso, cria oportunidades para transformar palavras em atitudes, comprometendo-se com o presente e com o futuro que almeja. É uma conquista de autonomia que permite a percepção da juventude não somente como problema, mas sim como parte da solução para questões sociais, pelo livre exercício da educação para a vida e para a cidadania.

O grupo realizou vários projetos envolvendo jovens em discussões sobre políticas públicas. Um desses projetos abordava a política em si: “Voto, Logo Opino”, projeto que se tornou referência no Distrito Federal, pois auxiliou

na análise e avaliação, pelos próprios jovens, dos programas de governo que iriam afetar diretamente a juventude.

(Clóvis) — Então, ia ser eleição pra governador e a gente tentou recortar os programas de governo, dos candidatos, focados na juventude. Foi a maior pauleira pra conseguir reunir essas propostas, alguns não tinham proposta nenhuma para a juventude. Aí fizemos mil recortes e, enfim, conseguimos reunir todo o material, aí a gente criou uma metodologia para que os jovens analisassem esses programas de governo. Durou um dia inteiro o encontro, no final os jovens opinaram e construíram propostas também.

Meio Ambiente e Juventude – O Grupo Interagir foi escolhido pelo PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) para ser a instituição responsável pelo projeto Geo Juvenil no Brasil. Será uma articulação nacional entre jovens e organizações sociais visando criar alternativas para questões ambientais no país.

Acompanhando o processo de criação da Comissão Especial de Políticas Públicas para a Juventude da Câmara dos Deputados, o Interagir participou da Semana Nacional de Políticas Públicas para a Juventude e da Conferência Nacional de Juventude, integrando, inclusive, a comissão executiva das conferências locais do Distrito Federal.

Em 2004, criou o boletim informativo “Falando em Política”.

(Renata) — A idéia é compartilhar informações, difundir informações de coisas que estão rolando no Brasil, de percepções que a gente tem sobre as políticas públicas, sobre esse foco. Esse boletim é eletrônico, está na Internet, e a gente tem o apoio da Fundação Friedrich Ebert. E sempre com um sonho, sei lá, como pode se chamar, a idéia de ter em Brasília um observatório de juventude, em âmbito federal, um observatório de jovens sobre as questões da juventude.

De sua criação até hoje, o Grupo Interagir já sensibilizou pelo menos 4 mil jovens do Distrito Federal e cerca de 10 mil jovens do restante do país para a necessidade da transformação social.